



**“NÃO PODEMOS SER ENVOLVIDOS PELA SOLERTE
PROPAGANDA DO INIMIGO DO REGIME”: O ANTICOMUNISMO
ATRAVÉS DA IMPRENSA DO MOVIMENTO FUNDAMENTALISTA
PRESBITERIANO DO BRASIL (1956-1964)**

“WE CANNOT BE SUBMERSED IN FAKE PROPAGANDA OF THE ENEMY
OF THE REGIME”: ANTI-COMMUNISM THROUGH THE PRESS OF THE
FUNDAMENTALIST PRESBYTERIAN MOVEMENT OF BRAZIL (1956-1964)

*Carlos André Silva de Moura**

*Saymmon Ferreira dos Santos***

RESUMO

Este artigo analisa os discursos anticomunistas nas páginas do periódico A Defesa, veículo convencionado como forma de propagandear as ações de líderes e membros do Movimento Fundamentalista Brasileiro, no âmbito da tradição presbiteriana. Apesar de sua ênfase na linguagem bíblica, o fundamentalismo presbiteriano ultrapassou dos debates teológicos, posicionando-se como dispositivo de conservação da ordem social, como legitimador dos grupos políticos dominantes do Brasil e de apoio ao golpe civil-militar de 1964, declarando-se como um crítico das ideias do campo da esquerda. A partir de uma análise da História Cultural, as fontes apontaram para uma preocupação dos líderes fundamentalistas quanto à situação social do Brasil, diante do avanço dos movimentos sociais no início da década de 1960 e da possibilidade de uma transformação inspirada no modelo cubano. Sendo assim, com as análises consideramos que se instituiu uma condição de vigilância quanto às práticas no

* Professor Associado / Livre-docente do Curso de História da Universidade de Pernambuco (UPE, Campus Mata Norte). Docente do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) e do Programa de Pós-graduação em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas. Pós-doutor e Doutor em História na UNICAMP. E-mail: casmcarlos@yahoo.com.br.

** Mestre em História Social da Cultura Regional na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bacharel em História pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: saymmon.santos@gmail.com.



âmbito dos protestantismos que pudessem ser interpretadas como subversivas para a estrutura social capitalista.

Palavras-chave: Igreja Presbiteriana; Imprensa; Conservadorismo.

ABSTRACT

This article analyzes the anti-communist discourses in the pages of the academic journal *A Defesa*, as a means of marketing the actions of the leaders and members of the Brazilian Fundamentalist Movement, inserted in the presbyterian tradition. Despite its emphasis on biblical language, Presbyterian fundamentalism went beyond theological debates, taking a position as a supporting device for the preservation of the dominant political groups in Brazil and it also worked as a support system for the civil-military coup d'état of 1964, declaring itself as opposed to the ideals of leftist parties. Based on an analysis of Cultural History, the sources consulted pointed to a concern of social fundamentalist leaders in Brazil, given the advance of social movements in the early 1960s and the possibility of a transformation inspired by the Cuban model. Therefore, based upon the analyses made in this paper, we consider that it is an institution of surveillance regarding the practices in the scope of protestantism, which could be interpreted as a sub-capitalist structure.

Keywords: Presbyterian Church; Press; conservatism.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de debates políticos acintosos sobre a presença de evangélicos nos gabinetes parlamentares, seja no âmbito Federal, Estadual ou municipal, o termo fundamentalista vem sendo empregado com frequência sem uma precisão quanto aos seus limites. O conceito, como lembrou o teólogo Leonardo Boff, tornou-se uma palavra de acusação: “fundamentalista é sempre o outro” (BOFF, 2002, p. 10). Para Breno Martins, o termo foi retirado do seu contexto original, para além do sentido estrito. Houve um processo de laicização qualitativo religioso, embora reconheça a legitimidade ampla da palavra (CAMPOS, 2014). Apesar das complexidades que envolvem o seu emprego, a questão que põe o nosso artigo em evidência é a relação com o protestantismo nos Estados Unidos da América, na passagem do século XIX para o XX, refletido no Brasil com o reverendo Israel Furtado Gueiros (1907 – 1996) e outros personagens.

O conceito de fundamentalismo pode ser compreendido pelo seu aspecto céptico quanto aos impactos da modernidade, preconizando um passado, simbolizado pelas virtudes em detrimento do presente. A modernização é retratada pelo estado de cultura doente, marcada por tragicidades. Nesta conformação, as renovações dos espaços científicos e culturais são depreciadas à luz de um contexto histórico,

presente na memória coletiva de estipulado grupo social. O movimento vende a proposta de um mundo concluso, sem abertura para novos questionamentos. A redenção pode ser adquirida através do retorno ao passado, o que Künzli denominou de “passagem de volta da história” (KÜNZLI, 1995).

Mantendo-nos dentro dos limites do fundamentalismo protestante, é importante destacá-lo como corrente teológica proveniente dos limites socioculturais dos EUA, afirmando-se na qualidade de oposição ao liberalismo. Os representantes desta categoria responsabilizam os “liberais” de “destruir o cristianismo autêntico” e a integridade das narrativas bíblicas. Antônio Gouvêa Mendonça definiu o movimento como a “defesa da ortodoxia protestante a respeito da Bíblia como infalível e acima de qualquer reinterpretação que parta da ciência moderna, principalmente do evolucionismo” (MENDONÇA, 2005). O termo foi empregado para definir uma liderança protestante conservadora estadunidense que se conjugou para defender doutrinas vistas como fundamentais para preservação do cristianismo.

Para o nosso artigo, recorreremos à imprensa fundamentalista presbiteriana, por meio do periódico A Defesa, com o objetivo de analisar a atuação do Movimento Fundamentalista no Brasil, especialmente, nas críticas ao programa anticomunista no país. Observamos as tensões internas entre grupos conservadores, progressistas e as tomadas de decisões frente às práticas repressivas executadas pelos militares.

Para Rodrigo de Sá Motta, classificam-se como anticomunistas os indivíduos e grupos “dedicados à luta contra o comunismo, pela palavra ou pela ação” (MOTTA, 2020, p. 13). Receosos com os avanços dos bolcheviques na Rússia, os países capitalistas instalaram um programa de repressão à propaganda comunista, amparado por empresários, intelectuais e religiosos (MOTTA, 2020, p. 25).

As tensões políticas narradas pelas páginas do periódico A Defesa nos transportaram às considerações do historiador francês Roger Chartier, estritamente à noção de representação de mundo social, idealizado por interesses de grupos sociais. A partir das análises documentais, acompanhamos como foram construídas as representações de comunistas, modernistas e progressistas neste ramo conservador do presbiterianismo. Para o autor, “as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas por interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17).

2 “OS FUNDAMENTOS DA FÉ”: A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO FUNDAMENTALISTA NOS ESTADOS UNIDOS

A história do Movimento Fundamentalista remonta o fim do século XIX. Nesse momento, destacava-se a presença do liberalismo teológico nos campos acadêmicos contra a teologia protestante ortodoxa. Os intelectuais liberais se notabilizaram pelo reconhecimento do “máximo das reivindicações da modernidade na teologia cristã” (OLSON, 2001, p. 553), acomodando a fé às ciências modernas. Para os representantes desta categoria de pensadores, algumas das doutrinas sustentadas pelos reformadores nos séculos XVI e XVII, como o nascimento virginal de Cristo, trindade, divindade e a inspiração bíblica não deveriam passar pelo crivo do “progresso científico” do século XIX. Por essa razão, o liberalismo teológico tinha a proposição de “desenredar o cristianismo dos conflitos com o pensamento moderno” (GRENZ, OLSON, 2003, p. 583).

Os eventos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) puseram em dúvida a noção de progresso repercutida no século anterior. Nesse enquadramento, a teologia liberal se enfraqueceu na Europa e uma nova corrente tomou protagonismo a partir da década de 1920, a neo-ortodoxia, de grande prestígio entre os adeptos dos espaços progressistas no Brasil. Nos Estados Unidos, o liberalismo teológico se enfraqueceu no final da década de 1920, passando a lidar com um adversário, composto por líderes protestantes comprometidos em preservar as bases tradicionais dos reformadores do século XIX: os fundamentalistas.

Em reação à tendência liberal de secularização do cristianismo, promoveu-se uma Conferência em 1895, em *Niagara Falls*, através de um acampamento bíblico, com os teólogos estadunidenses, canadenses e britânicos que projetaram os postulados identificados como a “certidão de nascimento” da corrente fundamentalista: 1º. a absoluta inerrância do texto sagrado; 2º. a reafirmação da divindade de Cristo; 3º. o fato de que Cristo nasceu de uma virgem; 4º. a redenção universal garantida pela morte e ressurreição de Cristo; 5º. ressurreição da carne e a certeza da segunda vinda de Cristo. Para o teólogo Roger Olson, mediante uma perspectiva mais crítica, o fundamentalismo originou uma teologia racionalista, separatista e absolutista. Desse modo, “qualquer pessoa que questionasse um único ponto do sistema doutrinário

protestante fundamentalista seria acusada de heresia ou mesmo de apostasia” (OLSON, 2001, p. 594).

As forças do Movimento Fundamentalista se aglutinaram a partir de uma série de publicações distribuídas em 12 volumes, em 90 artigos, *The Fundamentals – A Testimony to the Truth* (Os Fundamentais – um testemunho em prol da verdade), que detinham uma proposta de acusar o método histórico-crítico, instrumento científico utilizado por teólogos liberais para nobilitar a historicidade bíblica do cristianismo pelas lentes das ciências. Essa série foi publicada entre os anos de 1910 e 1915, dispondo de um alto investimento para que ela fosse enviada de modo gratuito para milhares de pastores, missionários e professores para além dos EUA, emplacando campanhas contrárias ao darwinismo, o socialismo e o catolicismo.

É importante observar como o uso do rádio favoreceu a difusão em torno da consolidação do movimento fundamentalista e de práticas de beligerâncias contra os teólogos liberais. Nesse contexto, a primeira transmissão de rádio nos EUA foi datada de 1922, com estações de curto alcance. Sobre esse movimento, Karina Bellotti conclui que “o rádio foi crucial para unir culturalmente uma congregação de fiéis dispersos no espaço geográfico, estabelecendo temas e agendas em comum” (BELLOTTI, 2008). Outros métodos que favoreceram a expansão dos cristãos fundamentalistas foram os institutos bíblicos, estruturação de sua própria imprensa, avivamentos, conferências e associações.

Roger Olson dividiu em duas fases o curso do Fundamentalismo nos Estados Unidos. Até 1925, poderia ser apresentado como defesa ao regresso da “ortodoxia” protestante, que se via pressionada pelo liberalismo teológico nos seminários. Após esse período, o movimento passou a focalizar paulatinamente em campanhas contra o comunismo, o evolucionismo e o separatismo (OLSON, 2001, p. 606).

Uma das vozes elementares do Fundamentalismo, importante para compreendermos a implantação desta corrente no Brasil, foi Carl Curtis McIntire Jr. (1906-2002). Teólogo presbiteriano, concluiu o seu curso em 1931 no *Westminster Seminary*, com a adoção de uma linha separatista. Nessa direção, o termo “separatista” pode ser compreendido como “uma crença de que os cristãos genuínos deviam ter o mínimo de contato possível com os ‘falsos cristãos’ e suas organizações (igrejas, ministérios, sociedades)” (OLSON, 2001, p. 608). McIntire manteve um posicionamento conservador contra o uso de tabaco e álcool dentro das igrejas. Seus posicionamentos

contra os liberais o levaram a organizar a Igreja Presbiteriana da Bíblia, em 1937, e o Seminário Teológico da Fé (SOUZA, 2019).

Em matéria publicada pelo periódico A Defesa, as ações de McIntire, que esteve no Brasil em 1949 para propagar o Fundamentalismo, foram julgadas como indispensáveis para a preservação do protestantismo “ortodoxo”. Segundo o jornal:

Teve o Dr. McIntire oportunidade de provar a infiltração modernista no Brasil, através dos Seminários do Norte e do Sul. Procurou chamar a atenção da Igreja para o fato de que o Seminário de Princeton, de tão gloriosas tradições, está agora entregue a líderes reconhecidamente modernistas como Mackay, Hromadka, Otto Piper e outros da mesma estirpe (A DEFESA, 1975, p. 05).

McIntire desferiu diversos ataques não só contra os liberais, mas entrou em confronto com protestantes conservadores que ignoravam as propostas do Fundamentalismo. Entre muitos religiosos, o reverendo era conhecido como “caçador de modernistas”. Para os entusiastas brasileiros, era reconhecido como “o homem mais perseguido e mais querido do século” (A DEFESA, 1959, p. 1959).

Seguindo essa linha separatista, os fundamentalistas fizeram oposição ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI), instituído em 1948, e que agrupava mais de 145 denominações protestantes, adotando a confissão “Jesus Cristo, Deus, Senhor e Salvador”. Qualquer instituição protestante que reconhecesse que “Cristo é Deus” estaria hábil para integrar a corporação. Percebamos que o CMI agiu de maneira indiferente ao modernismo teológico, não o classificando como atitude oposta à fé. Por os fundamentalistas não adotar qualquer grau de tolerância com o liberalismo teológico, o CMI se tornou alvo de críticas, como foi exposto nas páginas do jornal:

Esse movimento constitue uma grave ameaça à Causa da Verdade, pois êle congrega todas as doutrinas, mesmo as mais falsas e perigosas, sobre a pessoa e Obra do Filho Único e Eterno de Deus. Pretendendo render-lhe honra como Deus e Salvador, êste movimento solicita e recebe adesão das Igrejas Unidas que negam a divindade de Jesus Cristo e sua obra de redenção; solicita e recebe adesão das igrejas que recusam aceitar a noção bíblica de salvação pela fé só em Jesus Cristo (A VERDADE, 1959, p. 07).

Contrários ao ecumenismo, os fundamentalistas rapidamente organizaram uma ofensiva contra o CMI, resultando na formação do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC), em Amsterdam no ano de 1948. Quem assumiu a presidência nesta fase embrionária foi o Rev. McIntire e, até o fim da década de 1950, o Concílio

abrangeia 58 denominações ou associações de Igrejas. O quarto Congresso Plenário do CIIC, com a participação dos delegados oficiais das igrejas e membros constituintes, foi dirigido no Brasil de 12 a 21 de agosto em 1958. A convocatória do evento vinha com os dizeres “Este Congresso é convocado na hora crítica em que o mundo se acha em confusão e em que os arraiais evangélicos estão dominados pela apostasia crescente” (A VERDADE, 1958, p. 03).

Com a pretensão de conter o avanço do CMI sobre os países latino-americanos, em 1951 foi estruturada a Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs (ALADIC) na cidade de São Paulo, com filiação ao CIIC, tendo como primeiro presidente Rev. Synério Lira, do Rio de Janeiro. Até 1961 a Instituição tinha realizado cinco congressos na América Latina e já denunciava a presença da Igreja Católica Ortodoxa entre os membros do CMI. Sobre as “tendências católicas” da CMI, o Rev. McEwen destacou no periódico A Defesa:

O Concílio Mundial tem tentado inverter a Reforma doutras maneiras. Seus líderes se referem à Reforma como um Cisma, apesar de os próprios reformadores terem tido muito cuidado em repudiar essa pecha. Outrossim, o Concílio Mundial tem conservado a porta aberta para Roma. Se bem que não oficialmente convidada para a primeira assembleia em Amsterdam, houve muita correspondência e negociações, visando à cooperação e aprovação do Vaticano no movimento ecumênico (A DEFESA, 1961. p. 01).

Enquanto o líder religioso encarava o ecumenismo como o “inverso” das Reformas do século XVI, Prócoro Velasques Filho analisou que o fundamentalismo não tinha sua origem nas reformas religiosas do século XVI. Seu argumento se constrói em torno do tratamento que os primeiros reformadores davam à Bíblia e eram críticos nos estudos teológicos. Para o autor, o fundamentalismo “é unilateral em suas afirmações doutrinárias. [...] É sectário e intolerante. Com certeza absoluta de sua vontade e um conseqüente exclusivismo” (MENDONÇA, 1990, p. 130-131). Interessou-nos compreender como um mesmo acontecimento histórico, o cisma de Lutero e as ações dos reformadores são postos em perspectivas antagônicas e conflitantes. Conveniente para interpretarmos a História mediante a proposta de Roger Chartier, que destaca as disputas por representações e a construção da realidade social, com ênfase que um mesmo evento pode ser interpretado por meio de múltiplos matizes que se refletem nas lutas dos discursos.

3 A RECEPTIVIDADE E A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO FUNDAMENTALISTA NO BRASIL

O Movimento Fundamentalista no Brasil teve como seu principal personagem o Rev. Israel Antônio Furtado Gueiros (1907-1996), que além da formação teológica, possuía formação na área de medicina. Outro personagem que consideramos importante para a corrente foi o Rev. Jerônimo de Carvalho Silva Gueiros (1880-1953), tio de Israel Gueiros, fundador da Igreja Presbiteriana da Boa Vista (IPBV). Quanto ao reverendo Israel Gueiros, destacamos a sua participação na docência no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), vinculado à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), além das instâncias conciliares, ocupando a presidência do Presbitério de Pernambuco e a vice-presidência do Sínodo Setentrional¹. Entusiasta do fundamentalismo, o reverendo seguiu as trilhas do Rev. McIntire, incumbindo-se de denunciar a presença do modernismo teológico no presbiterianismo. Em diferente momento, acusou o seminário de estar sob o controle de teólogos liberais.

As críticas de Israel Gueiros ao SPN foram se convertendo em sua defesa para a implantação de uma nova instituição de ensino religioso. Concordava que “muitos pastores brasileiros do Norte perderam a confiança no Seminário e também que meus colegas, pastores-companheiros, do meu Presbitério e Sínodo, pediram-me para fundar um novo Seminário” (GUEIROS, 1956, p. 32). Nesta conjuntura, Gueiros viajou aos Estados Unidos com o propósito de arrecadar US\$ 25.000 para a edificação do prédio. É importante apontar que os fundamentalistas defendiam a separação de qualquer denominação que tolere a permanência de teólogos liberais em seu meio, entendendo ser a única forma de manter a pureza bíblica.

Diante das investidas do Rev. Israel Gueiros contra o seminário presbiteriano, o Presbitério de Pernambuco, presidido pelo Rev. Vitor Péster, deliberou pela convocação do pastor na tentativa de uma possível retratação e a desistência da abertura de outra instituição, ação que não era facultada aos pastores, conforme estabelecido na sua Constituição. O julgamento avançou com ampla troca de acusações entre as partes e o Tribunal do Presbitério de Pernambuco julgou oportuno declarar culpado o Rev. Israel Gueiros. Sem embargo para o “acusado”, o Presbitério não poderia denunciá-lo e julgá-lo ao mesmo tempo, posição que foi ratificada pelo

¹ Sobre a Igreja Presbiteriana do Brasil, cabe ressaltar que como organização eclesiástica, adota o sistema representativo de governo através dos presbíteros. Dentro da sua estrutura se estabelecem os concílios em ordem decrescente: Conselho, Presbitério, Sínodo e Supremo Concílio.

Conselho da Igreja Presbiteriana do Recife, na qual o reverendo desempenhava atividades pastorais. Questionavam-se os trâmites de julgamento impostos pela instância conciliar da IPB. Reunidos no dia 27 de julho de 1956, sob a presidência do presbítero José Lúcio Torres Galindo, o conselho da IP. do Recife resolveu, por unanimidade, renunciar a jurisdição da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Em 30 de julho de 1956, organizou-se uma assembleia extraordinária com a participação dos 220 membros da IP. do Recife, para votar a proposição de abertura de uma nova denominação presbiteriana. Ao término, foram 147 votos favoráveis às posições do Rev. Israel Gueiros, o que confirmava a institucionalização do Movimento Fundamentalista no Brasil, indicando mais uma ruptura no sistema presbiteriano nos ditames ideológico-teológicos. Com isso, a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil se filiou ao CIIC e à ALADIC.

Em resposta às acusações do reverendo Gueiros, em 14 de agosto de 1956, o Tribunal do Presbitério resolveu o depor do ofício de ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil e excluí-lo da Igreja. A justificativa para a penalidade foi pelo pastor não se submeter à pena de afastamento, incitar e promover um cisma, inaugurar um novo seminário e anunciar que não se afastaria do pastoreio da Igreja Presbiteriana do Recife (GUEIROS, 1956, p. 56).

4 A CONSOLIDAÇÃO E EXPANSÃO DO MOVIMENTO FUNDAMENTALISTA NO BRASIL E O ANTICOMUNISMO COMO CULTURA POLÍTICA

Através de uma liderança de perfil carismática e polemista, o Rev. Israel Gueiros tornou o Movimento Fundamentalista notável não apenas na cidade do Recife, mas entre os presbiterianos no Brasil. Após a renúncia da IP. do Recife à jurisdição da IPB, o eclesiástico não tardou em organizar o primeiro presbitério para abrigar as igrejas de roupagem fundamentalista. Em 21 de setembro de 1956 foi apresentado o Presbitério do Norte que, segundo relatório conciliar, nos seus primeiros anos contava com 2.800 membros. Quanto à instituição de ensino, o Seminário Teológico do Brasil foi fundado em 11 de agosto de 1956, servindo de concorrência para o Seminário Presbiteriano do Norte, já classificado pelo religioso como corrompido pelo modernismo teológico.

Para o reverendo da IP. do Recife, o cristão fundamentalista “mantem e defende a fé histórica cristã” (GUEIROS, 1980, p. 142), sustentando que não há terreno para

neutralidade na batalha contra a “apostasia”. Para o líder religioso, diferentemente do “novo evangélico” que permite o diálogo com as novas teologias, ecumenismo e correntes marxistas, o Movimento Fundamentalista “honra a erudição cristã verdadeira e crê que tal erudição deve ser utilizada na defesa da fé cristã histórica” (GUEIROS, 1980, p. 143).

Seguindo o exemplo de fundamentalistas estadunidenses, o Rev. Israel Gueiros utilizou dos meios de comunicação para divulgar a sua causa. A radiofonia de Pernambuco contava com o Programa *A Luz do Mundo*, gravado na Rádio Clube e posteriormente em um estúdio instalado nas dependências da IP. do Recife, onde eram lidos os sermões do eclesiástico. Constava na programação da Rádio Clube, Rádio Jornal do Commercio e a grade da TV Tropical, exibido aos sábados pela rádio e aos domingos pela televisão. O espaço também era utilizado como tática de patrulhamento contra os pastores acusados de “modernismo teológico”.

As práticas de vigilância contra os “modernistas” eram recorrentes no programa *A Luz do Mundo*, mediante as controvérsias de interesse progressista. Em uma gravação para o dia 28 de março de 1964, no âmbito de uma atmosfera que tendia para um golpe civil-militar, o Rev. Israel Gueiros acusou o professor do SPN, Rev. João Dias de Araújo, denominado de catedrático da Teologia Marxista, de comprometimento com o programa comunista. Para o religioso:

O seminário Presbiteriano do Recife tem como professor um grande propagandista do comunismo na pessoa do Sr. João Dias de Araújo, que está criando uma geração de pastores comunistas para destruição do Cristianismo evangélico no Brasil. Somos de opinião que a Igreja não reage mais contra tal inimigo da fé cristã é porque de há muito a perdeu [sic] (GUEIROS, 1980, p. 136).

As falas do pastor fundamentalista foram motivadas por efeito de publicação de uma cartilha, intitulada de “O jovem cristão e o jovem comunista”, que configurava o resumo de uma palestra de João Dias de Araújo para o VIº Congresso da Mocidade Presbiteriana em Campinas, realizado entre 25 de janeiro e 2 de fevereiro de 1964 (SILVA; SANTOS, 2021, p. 185). Para o imaginário fundamentalista, havia um perigo quando um jovem cristão se interessava pelos estudos de teóricos marxistas, levando-os a renegarem o cristianismo. O “cristão fiel” deveria denunciar a sua igreja a existência de comunistas em seu seminário, não havendo o acolhimento, deveriam abandonar a “igreja apóstata”.

Em contraposição, o pastor João Dias acusou o Rev. Israel Gueiros de incentivar os membros da Igreja Presbiteriana Fundamentalista a distribuírem panfletos nas ruas do Centro do Recife para relatar a presença de adeptos da ideologia marxista na Igreja Presbiteriana do Brasil (ARAÚJO, 2010, p. 99). É importante destacar que durante os governos dos militares, houve numerosos casos de lideranças evangélicas que prestaram apoio aos órgãos de espionagem, através de delações e colaborações para amplo funcionamento do sistema repressivo com o propósito de atingir grupos que resistiam ao autoritarismo.

Em janeiro de 1957, circulava a primeira edição do jornal A Defesa, indicado como “órgão da Fé da Palavra de Deus”. A proposta do periódico era de “combate à herezia pela persistência na pregação e defesa da fé uma vez dada aos santos em obediência à palavra que ensina: Lutai pela santíssima fé” (A Defesa, 1957. p. 1). O veículo seria responsável por disseminar os valores teológicos e políticos do Movimento Fundamentalista. Nele encontramos as denúncias contra os Seminários Presbiterianos, Igreja Presbiteriana do Brasil e o Conselho Mundial de Igrejas, além das programações das sociedades internas ligadas à Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB).

Mesmo expulso da IPB, o Rev. Israel Gueiros não deixava de acompanhar as atividades do seminário em que era professor para denunciar atividades que se inclinasse para o “fantasma do modernismo teológico”. Sobre essa operação, destacamos que no segundo semestre de 1964, foi organizado um evento no SPN com o objetivo de despertar “vocações ministeriais” entre os seminaristas. Os fundamentalistas denunciaram o acontecimento, que tinha o título de “Ecumenismo no Seminário Presbiteriano do Norte”. Na reportagem se observou que:

Foram entoados hinos de acôrdo com a terminologia romanesca. Também foi cantado nossos hinos [...] em ritmo de bossa nova, o que jamais ninguém viu e ouviu, mas que no Seminário do Norte foi aceito, não importando o sacrilégio. Alguém deitou uma falação para fazer uma apologia à Virgem Maria. Finalmente uma indigesta e repugnante salada imposta aos presentes por uma Diretoria que vem arrastando aquela ilustre e tradicional Casa de Profetas a uma situação de anarquia e descrédito. Alguns se conformaram e aceitaram a babélica programação por não terem para quem apelar. Outros acharam tudo muito bom e aplaudiram a mixórdia fazendo côro com os corpos docente e discente do Seminário, hoje proveitosamente relacionados com mestres de marxismo, ecumenistas e modernistas (A DEFESA, 1964, p. 8).

O documento nos traz o entendimento de como se construía, dentro do movimento fundamentalista, uma linha tênue entre as ideias sobre o comunismo e a proposta de abertura teológica, possibilitando que o progressista fosse “confundido” com o subversivo. Ser fundamentalista era estar em vigilância e pronto para denunciar qualquer suspeição da tríade: modernismo, ecumenismo e comunismo (SANTOS, 2020, p. 148). O autor iniciou o seu artigo criticando as relações ecumênicas em uma das programações realizadas no seminário, evidenciando a “anarquia” e “descrédito” da “Casa de Profetas” em virtude da presença de professores que considerava comunistas e ecumênicos. Edições do jornal A Defesa se dedicavam a apresentar os “efeitos nocivos” do comunismo para os cristãos, como a matéria registrada na sessão “Cristandade e Comunismo”, que destaca que:

Muitos cristãos, iludidos pelas táticas comunistas, estão pensando que o comunismo modificou sua atitude em referência à religião. Devem êles ser advertidos de que isto é impossível, visto como atitude comunista quanto à religião, tem suas raízes em sua ideologia materialista. O comunismo está apenas procurando tolerar a religião. O que está acontecendo na atualidade é que os comunistas estão fazendo uso das igrejas que estão por trás da “cortina de ferro” como títeres em suas mãos para ajudá-los a atingir seu objetivo político, isto é, a dominação do mundo (A DEFESA, 1958, p. 03)

Para o autor, o programa comunista estaria utilizando pastores e seminaristas para levar os protestantes a renegarem o cristianismo em nome das correntes marxistas. As representações acerca do mal, através da narrativa bíblica, foram transportadas para o terreno político, transformando a luta contra o comunismo num serviço cristão. Para o imaginário fundamentalista, a tática dos agentes comunistas se consistia na infiltração em escolas e seminários, dominando os meios de comunicação para o estabelecimento de um novo regime.

O Almirante Boanerges Cunha, membro da Igreja Presbiteriana do Recife, era um dos principais articuladores da campanha anticomunista na corrente fundamentalista, escrevendo alguns artigos n’A Defesa para alertar aos cristãos sobre os modos pelos quais os comunistas agiam. Para o militar:

A técnica comunista sempre foi o atizar do espírito nacionalista, de um ultranacionalismo que cria poderosas [sic] “slogans”, que repete frases feitas, que incendeia o coração dos moços, que tenta galvanizar o povo, fazendo-o crer na sua triste condição de “oprimidos pelo jugo imperialista”. [...] Podemos e alcançaremos a nossa emancipação econômica, lutaremos por ela sem desfalecimentos, mas não podemos ser envolvidos pela solerte propaganda do inimigo do regime, que acenando a bandeira de uma revolução econômica, de

um nacionalismo xenófobo, outra coisa não deseja senão a implantação de uma ditadura moscovita, a qual já nos custou muito sangue e muitas lágrimas (A DEFESA, 1958, p. 2).

O documento foi publicado no ano de 1958, indicando-nos que antes do golpe civil-militar de 1964, parte da liderança de grupos evangélicos já se encontravam comprometidos com campanhas anticomunistas. Jorge Ferreira recorda que desde 1954, grupos conservadores brasileiros já se articulavam em torno de tentativas golpistas contra as instituições. Até 1961 houve mais três tentativas, porém não encontravam respaldo na sociedade brasileira. O autor concluiu que não bastava conspirar com o apoio de potências estrangeiras, era preciso uma base social para levar adiante a conspiração de 1964 (FERREIRA, 2006, p. 96).

Os meios de comunicação utilizados pelos fundamentalistas serviram para deixar o “crente” sempre em estado de alerta, pois o “inimigo” estava impregnado por todos os ângulos. Diante deste “perigo”, logo após o golpe orquestrado pelos militares, Israel Gueiros reúne algumas das lideranças fundamentalistas para saudar ao novo governo. No livro de atas se destacou que:

Sessão Ordinária da Igreja Presbiteriana do Recife [...] aos 5 (cinco) dias do mês de abril do ano de 1964, reuniu-se a Sessão da Igreja, sob a presidência do Pastor Rev. Israel Gueiros e co-pastor Rev. Porfírio de Andrade e presbíteros. [...] O pastor declarou que a sessão foi convocada para o fim especial de ser enviado um ofício ao Comandante do IV Exército General Justino Alves Bastos de apoio às Forças Armadas pela sua atuação na defesa da Constituição dos princípios democráticos e da nossa satisfação no combate ao comunismo ateu (LIVRO DE ATAS DA IGREJA PRESBITERIANA DO RECIFE).

O Movimento Fundamentalista recebeu as notícias em torno do golpe civil-militar de 1964 com agrado, uma ruptura política percebida como uma intervenção divina, um milagre, para livrar o Brasil do “comunismo ateu”, movimento percebido como revolução. Nas palavras de Robinson Cavalcanti, os evangélicos encantados com o “desenvolvimento, segurança e a liberdade religiosa”, tornaram-se sustentáculos civis do regime (CAVALCANTI, 1985, p. 215). Nesta configuração, o periódico A Defesa promovia um processo de atemorização nos leitores quanto aos riscos de um avanço do socialismo, que para o segmento protestante, encontrava apoio em determinados dirigentes brasileiros, a exemplo do presidente João Goulart (1918-1976) e do governador de Pernambuco Miguel Arraes (1916-2005).

Por outro lado, não podemos esquecer que a presença de militares nos poderes só se tornou possível por meio de apoio de determinados setores da sociedade, entre eles as igrejas evangélicas. Ainda podemos inferir que para este segmento, o risco de um país comunista expressaria a eliminação de valores cultivados pelos cristãos, pois trazia a efetivação de um estado ateísta. Havia uma crença entre a liderança fundamentalista de que Moscou estaria enviando ao Brasil agentes capazes de acabar com os programas culturais, ocasionando fechamentos de rádios e jornais, censurando músicas, aproveitando da miserabilidade que abraçava parte da população, pondo fim aos valores cristãos.

Destaca-se que o Movimento Fundamentalista não apenas endossou o golpe, mas também participou do governo de Castelo Branco (1964-1967), com representação da família Gueiros, onde o jurista Nehemias Gueiros, em conjunto com o Ministro Juraci Magalhães (1905-2001), redigiu o Ato Institucional nº 02. A legislação aumentava a concentração política no Poder Executivo, estabelecendo eleições indiretas e extinção dos partidos, com a criação do bipartidarismo que promoveria uma fachada democrática à ditadura (VIANA FILHO, 1975, p. 352).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como negar que os grupos envolvidos com a propaganda anticomunista se achavam comprometidos com a formação do ambiente de radicalização e de polarização política, promovendo uma atmosfera para a implantação do golpe de 1964. A chegada da nova ordem nacional proporcionou um ambiente favorável para que os evangélicos ampliassem o seu poder, aspirando um prestígio que jamais tiveram dentro de um governo, promovendo o alinhamento de líderes com as demandas do estado de exceção. Mecanismos de repressão foram fortalecidos dentro das igrejas para punir opositores das autoridades políticas. Sendo assim, entendemos que a intenção do periódico A Defesa era de despertar a atenção dos cristãos fundamentalistas para o “perigo” da presença comunista no Brasil, impulsionando-os a se organizarem para enfrentar “o inimigo vermelho”.

A imprensa periódica dos fundamentalistas selecionou, estruturou e narrou a realidade social de uma forma que favorecia a cultura política do anticomunismo, o estado de vigilância e a repressão contra os membros acusados de desorganizar a fé cristã em nome das “bandeiras socialistas”. Para isso, o comunismo foi representado pelo pecado e pela incompatibilidade com os valores cristãos. Não obstante, vale

acrescentar que a cultura política do anticomunismo não deve ser tratada como uma histeria dos grupos conservadores, pois esteve relacionada com os eventos da Guerra Fria e da experiência socialista cubana na década de 1960.

Os nossos recursos às fontes destacaram o modo como ocorreram as construções de representações acerca do outro. As documentações sinalizaram como “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990). Comprovou-se o estado de competição entre os grupos, pelos perfis elaborados por outros em torno das correntes presbiterianas brasileiras, surgindo classificações como “adúltera” ou “modernista” para deslegitimar a instituição opositora. Neste panorama, um discurso em defesa do cristianismo próximo de questões políticas e sociais, à luz de uma lupa cristã, tornava-se suficiente para que um fiel recebesse o rótulo de marxista ou comunista por setores conservadores que eram hegemônicos nas comunidades evangélicas.

FONTES

A Defesa, Recife, 07 jun. 1959. p. 06.

A Defesa, Recife, 11 mai. 1958. p. 03.

A Defesa, Recife, 12 fev. 1961. , p. 01.

A Defesa, Recife, 19 out. 1958. p. 03.

A Defesa, Recife, 20 jan. 1957. p. 01.

A Defesa, Recife, 20 set. 1959. p. 05.

A Defesa, Recife, 20 set. 1975. p. 05.

A Defesa, Recife, 24 dez. 1964. p. 08.

Livro de Atas da Igreja Presbiteriana do Recife – Assembleia Geral (1950-1968).

Livro de Atas da Igreja Presbiteriana do Recife – Conselho da Igreja (1952-1963).

Livro de Atas da Igreja Presbiteriana do Recife – Sessão da Igreja (Jan. 1964-Dez. 1979).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras: história sombria da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

BELLOTTI, Karina Kosicki. A Batalha pelo ar: construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a construção dos “valores familiares” pela mídia (1920-1970). *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, a. XIV, nº 14, 2008. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/view/696>>.

Acesso em: 19 mar. 2022.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002.

CAMPOS, Breno Martins. A linhagem do fundamentalismo protestante no século XX: das raízes às últimas ramificações. *Interações*, Belo Horizonte, V. 9 n.16, p. 469-484, jul./dez.2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/8062/7659>>. Acesso em: 21 mai. 2022.

CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. São Paulo: Nascente, 1985.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

FERREIRA, Jorge. *A democracia no Brasil: (1945-1964)*. São Paulo: Atual, 2006.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

GUEIROS, Israel F.. *A Luz do Mundo*. Recife: Igreja Presbiteriana do Recife, 1980.

GUEIROS, Israel F.. *Perseguido mas não desamparado*. Recife: 1956.

KÜNZLI, Arnold. *Fundamentalismo: A passagem de volta da história*. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set.-nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455/15273>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo. Loyola, 1990.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org). *Culturas Políticas na História: Novos Estudos*, Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2 ed. Niterói: Eduff, 2020.

OLSON, Roger E. *História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. Tradução: Gordob Chown. São Paulo: Editora Vida, 2001.

SANTOS, Saymmon Ferreira dos. *Conservadores e Progressistas: narrativas sobre as disputas políticas e teológicas na Igreja Presbiteriana do Brasil (1950 - 1970)*. 2020. 201 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em História, Recife, PE, 2020.

SOUZA, José Roberto de. *“Ontem, Simonton. Hoje, McIntire: o surgimento e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil na cidade do Recife (1956-1995)*. 2019. 208 f. Tese (Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Pró-reitoria Acadêmica. Doutorado em Ciências da Religião, 2019.

VIANA FILHO, Luís. *O governo Castelo Branco*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.